

EVERTON DANTAS

A VIDA É GRÁTIS

A VIDA
É GRÁTIS

EVERTON DANTAS

**A VIDA
É GRÁTIS**

2007



Everton Dantas, 2008

Reservam-se alguns direitos desta obra a

EVERTON DANTAS BESERRA

Rua Prisco Rocha, 1195 — Centro — Ceará Mirim

CEP 59570-000 — Rio Grande do Norte — Brasil

E-mail/MSN: dantas.everton@gmail.com

CAPA, FOTO E EDIÇÃO DO AUTOR.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dantas, Everton, 2008

A vida é grátis. Everton Dantas. Ceará Mirim, RN: Edição do autor, 2008.

1. Poesia. 2. Literatura

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Usos Não-Comerciais-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

Creative Commons License Deed
Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento
pela mesma Licença 2.5 Brasil



Você pode:



copiar, distribuir, exibir e executar a obra



criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:



Atribuição.

Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Uso Não-Comercial.

Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.



Compartilhamento pela mesma Licença.

Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

>> Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

>> Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

>> Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

>> Nothing in this license impairs or restricts the author's moral rights.

A maior parte dos poemas incluídos foi escrito entre os anos de 2006 e 2007. Em geral são idéias que surgem em dois momentos: na ida e na volta para o trabalho, percurso que toma pelo menos duas horas por dia; e/ou quando vou dormir. As idéias não me deixam dormir enquanto não são registradas. Não faço isso diretamente no computador. Prefiro escrever à mão porque assim apreendo os erros, os enganos que surgem na confecção do texto. Fica tudo registrado, todo o processo. No computador apagamos todas as falhas a ponto de não sabermos mais quem somos ou o caminho que percorremos até chegar ao final de um texto. Também não gosto de ir direto à máquina porque isso seria somente uma reação, não uma construção. Agora que já se foi algum tempo desde que surgiram (já não tenho nem quero mais o que errar aqui e tudo pode mesmo ser erro) é preciso pôr essas idéias para fora de casa. Ela está cheia e novos habitantes estão querendo nascer e ocupar o lugar. Boa partida.

“Um sujeito sensível capta cinquenta impressões numa situação em que outro registra apenas sete. (...) Quanto mais sensível você é, maior a garantia de que sofrerá brutalidades, arranjará cicatrizes. Nunca evoluirá”

— Marlon Brando, em entrevista a Capote

“O indivíduo que está identificado com uma certa interpretação da realidade está obrigado a, de certa altura em diante, parecer intolerante na defesa do seu ponto de vista, na insistência em certos critérios de interpretação do pensamento humano”

— Gilberto Freire, em entrevista a Joel Silveira

ÍNDICE

11	leitmotiv	47	o vale
11	alerta	49	regresso
11	notícia	52	os fazeres
12	feridas	53	reclamação
14	a religião	54	desriscar
15	a vida é grátis	55	desfazer
18	louvação a José Vital	57	anti-horário de mim
22	tempo ausente	59	a dúvida
24	Maria Dantas	59	dívida
26	relação	60	o desagravo
27	Francisco	62	mar
28	passageiras	63	procurada
29	o viciado	63	amor
30	cinzas	64	rotina
31	o trem da separação	65	desejo
33	infância	67	contra-argumento
36	maquinal	67	acadêmico
35	vigília	68	pequena sinfonia
36	bilhete	69	transtorno
37	desenlace	70	Lavoisier
37	necessário	70	Baudrillard
38	anunciação	71	grão
40	animação	72	divisa
42	relatividade	73	carência
42	estação	75	terreno próprio
42	haicai	77	desgosto
43	a família	78	latifundiários
44	na vila dos cegos	81	constituição
45	a janeladeira	82	existir
46	meninos e árvores	83	aos que me procuram

85	o poema ruim
87	manchas
87	11 de setembro
88	vegetariano
88	vaidade
89	partir
91	essência

**A VIDA
É GRÁTIS**

LEITMOTIV

A vida é uma bomba.
Palavras são minas.

ALERTA

Tenha cuidado:
Jesus te ama

NOTÍCIA

Após o trem
após o impacto
após a queda
após a morte
quem?

FERIDAS

Interessa-me o espaço
subtraído desse muro branco
sua substância escura

Interessa-me o que surge
quando rasgo — esmurro
quando espanco — fodo
este véu

Quando marco — queimo
quando talho — toldo
este céu (encoberto)

De onde nada escorre
Quando corto.
De onde nada sangra
Quando rasgo.
De onde nada parte
Mancha, goza, nada.

Fascina o quadro,
o rosto, o bloco,
a cicatriz imposta (tantas marcas)
a forma, sua deposição;
sua disposição conjunta:
suspensas, vivas

elas, assim:
acomodadas e distraídas
inevitavelmente lidas:
as palavras
no papel
as feridas

A RELIGIÃO

Minha religião mata.

Causa câncer, infarto, enfisema, trombose e paralisia.

Deforma fetos, destrói grávidas, polui ambientes, transforma humores e apodrece órgãos.

Custa, cobra, emprega, arde, acalma, promete, engana, envergonha, lucra, suja, fede e apraz. Também apraza a vida e afasta amores. Vicia.

Minha religião vive.

A VIDA É GRÁTIS

A vida é grátis.

Os eclipses também.

Grátis.

Como são a família — o corpo com o qual nascemos — os choros — as sensações — as brincadeiras — as palavras, sua leitura inevitável — Deus ou não — os amigos — os pelos — as espinhas — os amores — as tristezas — a terra dispendo-se do sol — o som — a luz — a gravidade — as quedas — o céu — todas as paisagens que nos presenciam — as coincidências — as moscas e as baratas — os pensamentos — a imaginação — os sonhos — as preocupações — as decepções — as loucuras — as doenças — as dores — as cegueiras — os cabelos e dentes, suas quedas — as lembranças — as saudades — os recomeços — o tempo e seu fim.

E também o são o gozo manual diário solitário — a bandeira do Brasil mal pintada com os dizeres “rumo ao ecsa” — José Vital (que pouco se vê hoje em dia) — o bar de Severino e seus rotineiros bêbados — a demora do transporte — os cachorros em busca da cadela no cio — as carteiras perdidas depois encontradas e devolvidas — a vergonha, a culpa e o preconceito — o nó que desatou Ferreira — Taveira, o motorista; e a história de traição de Alcione, Ronaldo e os outros dois desenganados — o avião preparando o vôo — o vale, cenário que aprendi a amar — a plantação de cana, seu verde, seu fogo, seus bóias e a escravidão — a flor que este

ano (estamos em setembro) ainda não veio — os gaviões à procura de ratos — a beleza do pássaro foi sua prisão — os bois em fila indo em direção ao cercado — dona Maria Dantas, sua educação e simpatia (“É na próxima parada, viu, amor? Tudo de bom para vocês”) — as cinco mulheres que olham a paisagem — Deipetherson e sua cruz esquecida à margem da 406 — o mangue cariado — o rio sujo, cego e envenenado, como monarca que precisa morrer para dar lugar a algum filho ganancioso — a linha do trem e a vida que ela pode dividir — o homem que corre para o mato — os carroceiros catadores de papel — os garotos e garotas e seus hormônios correndo risco à porta dos alternativos — a mendiga escrevendo seu número de celular inexistente com esmalte de unha num trecho de calçada do Alecrim — o pequeno Rogério, servente que recicla papel e me entrega o jornal todos os dias — João Preto e os tratadores de máquina — a desolação do companheiro que perdeu um braço — a inteligência do amigo ao qual todos admiram e secretamente invejam querendo superar — a distância do amor — as notícias — a imprensa vigarista e vendida — o político despreparado e criminoso que se diz tímido — o imprevisto gerado pela miséria — o horário a cumprir — o anoitecer que não vejo — as pessoas nas paradas como que partindo para nunca mais — a má atriz magra e sem graça — a feiúra do artesão e de suas peças feitas com penas sujas de galinha — o cochilo no ônibus — e a insônia que como farol sinaliza o caminho a poemas, como este aqui: grátis.

E tanto mais: o infinito grátis do futuro.

Um concurso de loteria bizarro
Do qual não se pode declinar
nem dividir
e cujos prêmios saem todo momento
sem que precisemos apostar
mesmo que não se abra os olhos pela manhã
mesmo que se perca o nariz
mesmo que se tape os ouvidos
há um mundo inteiro
que só existe para isso:
entregar-nos o presente.
Uma vida só nossa
Com todas as suas interferências
para fazer o que puder se quiser
o grátis perfeito
uma grande piada de humor sombrio.

A vida é grátis.

O eu não.

O eu custa.

O eu custa o eu, uma pessoa inteira ou mais

O eu custa o eu e suas coisas

O eu e suas coisas significa ser alguém

O ser custa a ser

Ser alguém custa demais

Independente de quem

Se quiser ser

LOUVAÇÃO A JOSÉ VITAL

1.

Eu quero a paz de José Vital
o velho cabeça branca que vive na calçada
olhando a vida e 'as nega'.

A primeira, já teve:

— Obrigado.

Às segundas, tem desejo
e dá dinheiro
quase sempre é enganado.

Eu quero a paz de José Vital,
barba e cabeça brancas;
ser chamado de Noel,
quando passam as crianças.

Eu quero a paz de José Vital
sua paz e seu tamborete.
para dormir hora qualquer,
soltar sonhos e peidos
— sem fazer parte do mundo —
vê-lo passar, só dar acenos.

Eu quero a paz e o poder de José Vital.
Começar e terminar um dia
num abrir fechar de porta e meia

2.

José Vital não aparecia há dias
o mundo ficou então preocupado
e resolveu botar na rua
para passar na frente da casa do velho
umas negas, polícias, confusões,
coisas de chamar a atenção.
Fez também um apagar de luz.
Fez silêncio. Esperou. Nada.
José Vital, nem sinal.
No sábado, com atraso já
Lembrou de fazer outra isca: uma chuva.

O velho, que foi do sertão um dia,
ao ouvir a água bater na telha
e escorrer pela calha,
descobriu-se do sono
e ainda de ceroulas-camisa de botão,
pôs a cara na rua para espiar o banho.
O mundo, vendo aquilo, tranqüilizou-se.
E continuou a encenação.

3.

Se José Vital morrer,
o mundo acaba.
Não tem porquê
nem pra quê continuar.
José é vital, com 'V' maiúsculo.

O mundo se faz para ele
e sem, não há platéia.
Não que ele assista
a todo o espetáculo
mas é dali, da calçada
da casa daquele José
que o mundo parte e se espalha
que a peça começa e se estende;
como uma lona se abrindo de circo

Se José Vital morrer,
o mundo acaba-se.
não tem porquê.
Sem José, o mundo pára.
Vira uma cena, uma foto, luz parada
Colhida num papel sem graça,
Que vai amarelar.
Com o tempo, sem José,
Vital que é,
o mundo desbotar-se-á
num mundo sem José Vital
se José Vital morrer.

4.

O que diria o velho se soubesse estar aqui?
O que diria se soubesse desse registro?
De onde foi colocado e da importância que tem?
Será que José sabe ler as palavras dos homens?

(Essas coisas simples, bobas até)
Tenho minhas dúvidas
Porque José é grande
E grande mesmo é entender do mato,
Do tempo, da rua e das 'nega'.
E disso ninguém duvida.
Só os pequenos, os 'besta'.

TEMPO AUSENTE

O quilo de açúcar não cabia num pote de um quilo.
O quilo era pouco maior.
Sobrava um tanto.
Parte também caía sobre a mesa.
Ficava o melado para formigas e moscas: um banquete.

No pote de vidro, não ficava espaço algum de sobrar.
Quase não ficava ar.
O quilo de açúcar era maior.
O mundo, naquela época, também (e ainda) era muito grande.

Sobrava mundo, apesar das cercas e dos muros que não deixavam espaço para todos.
Sobrava tanto – dentro das cercas e muros - que nem todo o açúcar de todos os quilos que não cabiam nos potes de vidro conseguiria preencher a vaga que havia.
Dentro das grades sobravam homens, também coisa daquela época.
Era um mundo, ora.

Hoje sobra espaço no pote.
O quilo era algo maior.
O mundo era algo maior.
Para onde foi tanto açúcar?
O açúcar que adoçava o café feito por minha mãe. (para onde

vai/foi ela?).

Para onde vai tanta gente?

Faz silêncio...

Não há mais um mundo tão doce.

Não há mais tanto sabor.

Não há muito o que provar.

Não há sequer um local certo

Para ser chamado de lar.

MARIA DANTAS

Há algo perdido naquilo que vi.
Na velha que pegou carona
em sua saia de flores manchadas
e no 'bom dia' que distribuiu
sem distinguir conhecidos.

Faltava pouco para o meio-dia
O calor era imenso
O transporte estava lotado
Ninguém lhe cedeu lugar.
Ela subiu e, como quem lança beijo,
Desejou:
— Bom dia!
Ninguém respondeu.

Pouco depois, desceu
E novamente
Indiscriminadamente:
— Bom dia! Vão com Deus e nossa senhora.
Novo silêncio se fez.
Ela sorriu e partiu.

A pé, a velha e sua educação
Deixaram a besta para trás.
Dentro do transporte
Em direção à capital

Permanecemos mudos
Todos nós
Gado moderno
Nós e nossos headphones
Que a velha revelou
Um tipo de humano a menos.

RELAÇÃO

Hoje você não me pega
Eu estou distante
Não vai ter com quem brigar

Enquanto você sangra,
Eu trabalho, resisto e registro:
[reexisto
Meu bem, você tem razão
No mundo que vivemos
A vida é prática e insiste
— infelizmente —
Oferecer mais coisas
Outros presentes
Além desse amor
Nosso único e real pertence

FRANCISCO

Lá vem 'Francisco Mais Um'.
Francisco não tem nada.
É só Francisco é sua vida.
E só isso: um Francisco a mais.

Ontem, depois da esquina
pouco depois da escada
a foice o ceifou.
Francisco foi-se.

Sem sombra de dúvida.
'Mais um, Francisco' partiu.

Mas não é preciso chorar.
Francisco que foi só
É apenas mais um
não o último.
Num mundo lotado
sem sentir falta alguma
Franciscos ficarão
e muitos outros virão
sempre a sós
Franciscos são assim
só nascem em multidão.

PASSAGEIRAS

De traço em traço
De letra em letra
De palavra e de frase

Linha a linha
Página a página
Folha e resma

Uma floresta tece
Uma história traça
Uma mata morre
Outra nasce

E outras
E não param
E se parem mais
Devoram pessoas
Pessoas de histórias
Histórias de pessoas
Pessoas passageiras
E florestas?
Florestas, não
Florestas
(antônimo, pessoas)
Falta farão.

O VICIADO

Eu venço páginas
avanço dias e dias
no tempo, compassado,
poema a poema
vou varando a vida
com palavras e erros,
riscos, versos, rabiscos e consertos.

Eu escrevo, eu vivo.
Eu escrevo. Eu vicio.
Eu vivo. Eu verso.
Um vício ao inverso
Coisa difícil de perder
Um universo.

CINZAS

Essas coisinhas que eu agrupo
não quero em luz como de estrelas
estáticas, falsas, muitas há muito mortas

Coisinhas eu quero como balão
fogo dentro — pele sensível — olhar arrebenta — soltar no
meio do vale — época de cana pronta — fogaréu danado —
mata quem está distraído — seja cobra, seja gente —
adiantar a colheita — de noite, floresta de chama — muito
melhor que estrelas

Coisinhas — balões, muito fogo.
Multiplicam-se cinzas
vão às casas
mancham toda a cidade
irritam quem muito se asseia

O TREM DA SEPARAÇÃO

Todo setembro me atiro a um trem
e o trem é um sol,
um sol de separação
que vai partindo pessoas de pessoas de pessoas, estações

Aço em aço, balanço, som, odor,
paisagens e canções
um a um, aos passageiros indefesos,
esse sol – o trem – amputa a falta,
lhes impõe a luz:
suas claridades e sensações.

Os anos passam
como os sítios
que ao longo da linha
são resgatados do comum
pelas dezenas de olhares acessos
nas janelas da máquina a vapor.
Mas como o trilho firme que mantém o trem,
ela sempre se lembrará do sol.

Os anos podem passar
como os animais que em susto
fugiam à passagem dos vagões.
Mas como a fixa trilha do tempo (ou além),
adormecida na terra,

ela sempre lembrará do trem
daquilo que foi um sol,
um sol de separação.

INFÂNCIA

1.

Daquela estação
— que eu me lembre —
fosse de gente
fosse de pipa
bom mesmo era ver a queda.

2.

Uma pipa em queda
é sempre desejada.
Sobretudo por fios, muros e telhados.

3.

Em tão pouco tempo,
poucos momentos duram tanto,
quanto a queda de uma pipa,
colorida e derrotada.

Poucos momentos
duram tanto
quanto uma pipa a cair,
escapando do espaço,
desejada mais que tudo
por um monte de mundos pequenos
por um mundo todinho de braços.

MAQUINAL

O corpo segue há tanto tempo
que está cego para o descanso
ignora o leito e o sono.

A continuar assim,
até para a morte cegará
ficará a alma presa
na carne contínua.

— Viva?

— Viva não! A maquinar.

VIGÍLIA

para João Maria Alves

Nossos filhos estão em casa,

Solitários

Enquanto isso,

Nós, à venda, esperamos

O fim da vida de um velho.

Faz frio e chove.

Até a TV diz que vivemos tempos estranhos.

Está na cara.

BILHETE

Poesia, volte outra hora.
Estou cansado, gripado, solitário e liso.
Só hoje, por favor
— quando pensar em vir —
dê meia volta, suma daqui.
Vá de retro.
Vá procurar outra porta.
Encontre outro filho-da-puta
Outro idiota gordinho
Ou um gênio jornalista.

Meu trabalho me escraviza
meu amor me ignora
e ainda vem você,
nessas horas de tristeza,
querendo me sacanear.

Perdoe! Passe outra hora!
Vá procurar outro cão
outro otário
algum mendigo de versos
ou poetaços loucos para brilhar.
Hoje não rola:
vá se foder,
você não vai me vampirizar.

DESENLACE

Distância estendida
longa corda de dias
passou
partiu
não é de todo mal
enfim chegamos
a um fim
e ponto final.

NECESSÁRIO

A(r)mar é preciso.
E também
seu prejuízo.

ANUNCIAÇÃO

Um poema está a caminho
vindo me descobrir.
Ou seria uma despedida?
Não sei bem. Só sinto.
Talvez demore, mas virá até aqui...
Pode ser uma idéia nova,
estar perdido no meio dos canaviais do vale.
[Não vá incendiá-los ainda!]
Ou pode estar vindo clandestino,
De carona
Num desses caminhões
Que passam na pista
Que fica nos fundos do Passa e Fica.
[Se malandro, vem de morcego]

Certo é que esse novo poema chegará.
Sorrateiro, pulará o muro
Como eu fazia antigamente;
Não incomodará a cachorra
E — caso alguém saia logo cedo para fumar —
Aproveitará a brecha na porta
Virá ao meu quarto,
Incomodar-me/acomodar-se.

Se estiver dormindo,
Terei de levantar para recebê-lo

E acomodá-lo devidamente
Numa dessas próximas páginas.
E sem dizer nada, sob pena de espantá-lo.

ANIMAÇÃO

[Ação]

Para cadáver que desce rio
...um Para cadáver que desce rio
Para um cadáver que desce rio
Para cadáver um que desce rio
Para cadáver que um desce rio
Para cadáver que desce um rio
Para cadáver que desce rio um
Para cadáver que desce rio...

Sem que ninguém veja, ele já está
E desce deixando rastro, como barco

[Travessia Grossos – Areia Branca]

Quem sabe era importante

[Fará falta?]

Talvez só um olhar lhe vista

[Com sorte, o do assassino. Se é que houve. E se não? Como
ovni, só pode ser uma ilusão. E se foi por querer próprio?
Melhor mesmo não incomodar. Deixar descer. Deixa a
polícia adivinhar.]

Talvez alguém lhe confunda com lixo

[Mais sorte ainda!]

Agora, ele só faz parte do rio

[Como algo que foi comido e está sendo digerido. Como as mãos do amante em busca do sexo. Será que morto faz cócegas no leito?]

E vai perder-se como água

[Perder-se não. Almar.]

E desaparecer do curso...

[Até que venha de novo. Cadáveres são a mesma coisa. Pessoas, não! Uns passaram. Outros passarão.]

[Fim.]

RELATIVIDADE

A vida é uma bomba.
Poucas Hiroshima
Muitas São João

ESTAÇÃO

Para o amarelo no ipê
E o vermelho no flamboyant
Duas chuvas, nada mais
Alvorecer e alvejar

HAICAI

Entrando pela janela
Uma cinza me informa:
— Queimam os canaviais.

A FAMÍLIA

Meu pai não tem dúvidas.

— É droga! O problema de Jailson é droga — diz.

Minha mãe só olha, mas não é louca de duvidar.

Ele ia ficar logo mordido pela discórdia.

Meu irmão caçula só se interessa em namoro

E corre quando na rua tem briga.

Meu filho brinca no quarto, nem liga.

O mais velho (irmão, outro) escuta música;

Cuida que é vida e faz (de) conta.

A menina... Não é menina mais nada.

É mulher e está de partida.

Há ainda “Laika”, a cachorra; as galinhas; um galo; baratas; bribas; formigas; pardais visitam as telhas de acrílico, batem nelas com o bico pela manhã; lagartas às vezes aparecem; época de chuvas sapos do céu; duas cobras em quinze anos; e isso me lembra as outras cachorras das quais destaco...

Esqueci.

Mas era muito educada.

E eu... Eu discordo do pai.

Acho que o problema é injustiça social.

Mas não discuto nem nada.

Meu negócio mesmo é brincar aqui

E depois com eles, completar o conjunto.

Compor: “A família”.

SÃO JOÃO NA VILA DOS CEGOS

São João na vila dos cegos
Festa animada de sons
A não ser por um momento
Eu vi
Porque passava de ônibus
No meio do Alecrim:
Em comum, num breve silêncio
Na hora das explosões
Cegos, fogueira e fogos
Unidos
Num baita desejo de olhos.

A JANELADEIRA

A janeladeira é uma caixa térmica que guarda paisagens agradáveis. Elas são armazenadas em litros. Tem gente que vive pulando janeladeiras. Outros vivem com ela aberta, apreciando os que têm coragem e vivem nas paisagens. Tem gente que não tem janeladeira. Não porque não vende nas casas Bahia. Mas porque são pobres mesmo. Moram em casas simples onde só há sofás, TVs, fogões e portas, janelas e geladeiras.

MENINOS E ÁRVORES

— Como ninguém nunca quebrou o pescoço, apesar de tanta torcida? — eu me pergunto até hoje quando lembro de mim mesmo menino em meio a outros meninos, brincando.

Nós corríamos e nos lançávamos
para além do abismo, no ar
no vazio, para depois do precipício
da montanha de pó-de-serra
da serraria do quartel
quando morava na capital
do Acre

Brincávamos sobre a carne de milhares de árvores
sem jamais temer o pulo ou lamentar a perda.
O perigo era tão presente
quanto a um menino
há falta numa árvore a menos
no mundo.

Quem sabe morresse um dia um menino
Quem sabe salvasse uma árvore

O VALE

O vale é uma face aberta na terra
feição e ficção

Barba é cana [de açúcar]
aparada ao fogo
cortada à foice
pelas cinzas invadem as casas
caem de alturas de nuvens
quebram ao toque de dedos

Sorriso é flor
amarelas (roxas, até)
em caibreiras (em ipês, na verdade)
uma lição:
carga longa é chuva muita;
chuva pouca é cor no chão

Suor, no verão
aguadores circulares
jatos de água compassados

Lágrimas
bóias — o vale chora bóias-frias
 miséria
 resquícios de feudo
lembranças vivas da escravidão

O vale é uma face exposta da terra
uma depressão verde
cortada todos os dias
por milhares de vistas
outras faces
outros vales
que, intimamente,
também ardem, sujam, choram e brotam

Às estações
passam uns pelos outros
despercebidos de si
dessemelhantes
todos os vales
todos os dias
Cruzam-se em olhares
dão-se as faces
Perecem
sem ver o espelho
sem ver a si próprios
afogam-se, vãos.

REGRESSO

Quando retornei de África
onde fui me vender
a fila estendia-se ao redor da minha casa

Passei tanto tempo fora
que eles me desconheceram
me confundiram
com as outras pessoas da rua

Não entravam
porque [eu] quem procuravam
não estava lá

Mas eram tantos
que impediam também minha entrada.
Espiamam por cima do muro
Só viam Café
Que fumava e fumava.

Eu tive de me contentar em ser um deles
então, sentei numa das calçadas
e vivi por ali
compartilhei comida
dormi junto para espantar o frio
levei chuva
vi os menores começarem a sumir

{por falta de quem os cuidasse
de quem os acomodasse}

E vi outros desistir.

Alguns morreram ali mesmo.

Os mais desesperados

devoraram semelhantes

{eu não rejeitei quando me ofereceram

crus palavras — pedaços}

Aos poucos, o grupo foi diminuindo

e o portão foi surgindo

Quando vagou suficiente

eu levantei e entrei

trouxe comigo este aqui

e o anterior, o ‘do vale’

Foi preciso

{ainda é}

bastante silêncio:

eles são muitos

eu, um semente

Convivendo em seu meio

calado e confundido

muitas vezes confuso

entendi que alguns não querem ficar
não precisam de abrigo,
mas só se aproveitar.
Outros vêm só provocar.
E há ainda os que são falsidades;
os que não estão maduros;
os que precisam de conselhos;
os que se desfazem em outros;
os que são objeto;
os que se consultam;
os que vêm pensando que eu sou outro
[talvez aquele que vive no pântano ou um que já partiu];
os que vêm morrer;
e os que somente têm aqui um ponto de partida
o vale, um trampolim para lançar-se.

O restante vem para ficar
vestem-se com minhas palavras
dormem em minhas páginas
alimentam-se de mim
devoram minhas horas
como formigas e vermes
a desconstruir um cadáver

OS FAZERES

Pessoas são coisas
De fazer pessoas
Que um dia estarão
Outras não

Florestas e água não fazem nada
Só falta

Poesia faz quem sabe
Desfazer-se em falhas

RECLAMAÇÃO

Eu me perco de poemas
Finjo que não é comigo
Quando os vejo
Quando gritam
Se me chamam
Eu me irritado
E fujo

— Me errem. Me errem! — Eu peço
— Socorro! Socorro — E apelo.
É em vão. Não adianta.
Eles me encontram e me usam.
Como uma puta municipal

Vês? É madrugada agora. São quase três!
E eu aqui:
Caneta em punho
Torcicolo em brasa
Escrevendo este protesto
Ainda acordado,
Expulso das horas dos homens
Na buraqueira da poesia
Plenamente escravizado.

DESRISCAR

Eu estou me desfazendo
todo em palavras
Ninguém sabe
Ninguém percebe
[Pudera, eu sou só]

Quanto mais escrevo
Mais mudo
Mais encolho
Mais me perco

Com o passar do tempo
Só palavras
Eu sumo
Eu morro
Eu pontuo: eu, ponto.
É tudo.

DESFAZER

Ao fim da jornada de mim
só restarão palavras

A dúvida é se essas criaturas
essas coisas danadas
por pirraça
desfar-se-ão de si
e me trarão de volta
da página

Se as palavras de meu desfazer
depois que eu partir
se desfizerem do laço de si
e tornarem em mim,
eu, aquele que as fez sumir

Se essa inversão vier
o poema então
não estará mais aqui
no branco do papel
mas no plano do mundo

O poema não será mais o criar
mas o sumir
caminho inverso
das palavras ao corpo

o poema será a presença na terra
em relação à falta na página
posto que um dia, ele esteve ali

ANTI-HORÁRIO DE MIM

Na madrugada
meu cérebro dispara
em idéias
— palavras
uma rajada de letras
— bullets
que atingem meu corpo
e o matam todas as manhãs

Minha mãe me ressuscita
meu pai desistiu.
Quando o faz, se irrita.

Por um ou pelo outro
eu volto a andar
[Lázaro que sou]

Eu volto a andar
a alguns passos atrás
do passado
do que jaz

Todos os dias eu disparo
contra mim
eu morro
e renasço grávido

Todos os dias
eu parto
eu paro
todos os dias
eu dou luz a um atraso

A continuar assim
anti-horário de mim
vai chegar o tempo
que meu presente estará perdido
será ontem ou aquém

E se chegar a esse ponto
de eu ser um eu
aquém do tempo de mim?
Será que temerei?
Será que serei?
Ainda estarei?
Quem? O que restará de mim?
Eu me duvidarei.

A DÚVIDA

E se num momento só,
Todo mundo duvida?
Permanece a dúvida
Ou se acaba a vida?

A DÍVIDA

Quem me lê
me deve em dúvidas.

O DESAGRAVO

Após o estampido
a pele
a carne
o osso
a queadura do metal
o sangue vazando
a parada
ou a saída
perdida
uma quebra definitiva
ou apenas uma ferida
antes uma bala não existe

Após o risco
o conjunto
o sentido
no branco
ou em outro
antes, uma palavra não existe

Todos os poemas que escrevo
não têm destino difuso
como tantos outros
que se lançam por aí

Todos os poemas que escrevo

são golpes
são tiros
só para mim.

MAR

Minha rede é a fome
que laça esses homens
metal, madeira e tecidos
para dentro de mim

Minha rede é a corrente
que os lança além
para buscar bichos
existentes em mim

De fio em fio, líquidos
minha rede infiltra-se
perpassa, arremata
e — armada — sustenta-os

Se eu desmanchar,
se eu desfizer
e desistir de colher
e não mais laçar
nem deixar lançarem-se
para dentro em mim
eu, o próprio mar,
não sei que resposta virá
salvaguardar a raça
de um inevitável fracassar

PROCURADA

Procura-se uma bala
(doce ou errante)
Para um perdido que
Sem culpa ou saída
Só vê uma alternativa:
Tornar-se um suicida.

AMOR

Amor é isso mesmo:
Dois bois
Na baixa do brejo
Ao meio-dia
Trocando carícias e beijos,
i. e., lambidas e cheiros.

ROTINA

Há dias
que o meu horizonte
nasce em vertical
e o sol ácido me queima
em 180 graus

Nessas datas
de tantas dúvidas
nas ruas
eu vivo
eu passo
em exclamação

Há dias ainda piores
nos quais o horizonte
é uma hélice
que vai cortando
fatias de sol
como num drink
ou na preparação de um prato
temperando
para ao fim devorar

Há dias que horizonte sou eu mesmo
nesses dias não há sol

DESEJO

Eu queria deus pequeno
possível
minúsculo mesmo
para guardar num pote de vidro
com furos para deixar o ar entrar
e cuidá-lo como um inseto de estimação.

Eu queria deus pequeno
uma barata
queria a alegria de abatê-lo
lançando de longe
minha sandália

Eu queria deus pequeno
uma formiga
ou um formigueiro inteiro
para queimar
com gotas de plástico incandescente
de alguma sacola de supermercado.

Eu queria deus pequeno
um vaga-lume
vê-lo brilhar dentro do pote
de noite
pedindo socorro
solitário

em extinção

Eu queria só isso
Deus em extinção
eu queria Ele cessar
na palma da minha mão

CONTRA-ARGUMENTO

Paz

As coisas têm

Posto

Que elas

Nada

Temem.

ACADÊMICO

De reflexão

Em reflexão

O espelho

Não vai

A nenhum lugar

PEQUENA SINFONIA

A menina chora
Sob o sol úmido de maio

No comboio vai a mãe
Outras crianças, mais uma mulher

A menina chora
Atravessada de uma esquina à outra

O som do choro escorre
Torneira aberta no espaço

O solo arrasta-se
Sob os pés das pessoas

As pessoas:
Notas musicais
Para o tempo executar

TRANSTORNO

Quase todas as noites
atravesso
por nada
quase por completo
este rio

Fraco e fútil que sou
Afogo e morro

Quando ressurjo
é tarde
meu reino está perdido
e volto a ser escravo.

Todas as noites
cometo o mesmo erro
eu não aprendo
a querer minha vida.

LAVOISIER

A menor partícula
Do que hoje compõe
Qualquer computador
Um dia
Sem dúvida alguma
Fez parte de algo
Que pôde fazer amor

BAUDRILLARD

Perder um medo
Dói tanto
Quanto
Perder um dedo

Ou todos

GRÃO

Hoje eu vou ao deserto
ser atômico
ser mais um
implodir em pequenez
diante da imensidão
construída grão a grão

Eu vou ao deserto ser mais um
eu vou ao deserto ser igual

Eu vou ao deserto
ser um pouco mais
de coisa alguma

Eu vou ao deserto me desfazer
eu vou ao deserto para ser
Um nada
ou mais.

DIVISA

Onde acaba o estado
o vale começa

Não o vale das veredas
que cortam o verde da cana

Não o vale do barão e dos bóias

Além do estado
começa o vale
do meu olhar
da minha solidão

Uma terra sobre a qual
o céu deposita palavras
[em gotas/em chuvas]
espalha-as/dissolve-as
no barro
na mata
na paisagem
no gado

Além do estado
começa o vale
que sou eu
das borboletas aos gaviões

do quarto aos canaviais
da usina à estrada

Além do estado
está o vale
minha casa
minha alma
sua extensão.

CARÊNCIA

Minha alma pede um pouco de chumbo
meu corpo quer um toque de morte
algo me falta
algo me falha
a ponto de eu me sentir leve demais
para a gravidade me tocar

Eu vivo o antienterro
onde o sufoco é o respirar
e o que cai sobre mim
e me afoga
é luz natural
realidade de nuvem

Algo me falha
algo me falta
a ponto de eu
sequer me sentir
um oco
um vã
um não

TERRENO PRÓPRIO

Veio com a idade
veio com a doença
veio com a morte

Fez-se o pranto
o velório
a cova
o pesar
o enterro
o luto

Vieram os vermes
foi-se o cadáver
fez-se o pó
desfez-se o homem
(em lembranças)

Sob sol e chuva
apagou-se o nome
sumiu a data
rachou a cruz
e caiu, como uma flor

Só ficou a terra
então, pôs-se a placa
e pintou-se o dizer:

'terreno próprio'
para marcar
que só vão até ali
os limites
do que se pode ter
no mundo do possuir

DESGOSTO

Pensar em você tem me trazido desgosto.
Vivo insatisfeito em mim.
Então, diante de você
— que é perfeito —
eu enveneno e morro.

E morto
sem pêsames ou parabéns
[eu só queria lágrimas]
não sou reconhecido
e meu corpo acaba doado
a uma instituição pública
[para estudo]

Depois de dissecado e partido
sou roubado, traficando e vendido
distribuído em peças
para ser feito menor ainda
mas permanecer íntegro

O desgosto de pensar em você
nem ao menos me permite apodrecer

LATIFUNDIÁRIOS

Há também latifundiários na poesia

[ou na cultura, como queira].

Veja o caso de Doutor Diógenes, de Coronel Vicente e de Sinhazinha Ana, filha do comendador Luiz.

É gente que devasta milhares de árvores

[menos oxigênio no mundo]

para transformar longas faixas de arte

em pasto.

Longos e brancos pastos

onde alimentam seu gado

Acres e acres de terra improdutiva

onde à conta de muitas árvores

e almas

tudo é ruminado e cagado

prazerosamente

sob o olhar e o regozijo

de seus ilustres proprietários,

os latifundiários.

Há também as larvas dos latifundiários da poesia

os filhos dos donos dos espaços

— veja sinhozinho Carlos, doutorzinho Videira e o príncipe Paulo —

que não necessariamente

são realmente os filhos dos medalhões

mas projetam-se como herdeiros
porque na poesia
aqui na periferia
não importa muito a gala
mas sim a pompa, a pose, a prata
a fácil palavra e o doce calar
o sim dito a qualquer nada
e a exaltação da beleza dos pastos e dos shoppings
em detrimento à — tome nota:
existência dos vales, dos brejos e dos pântanos;
das montanhas, das serras e dos cânions;
à paisagem da lua;
à passagem das nuvens;
à superfície do sol;
à profundidade da alma;
e à sensualidade da pele.

Há ainda a sede do Sindicato dos Latifundiários da Poesia
prédio mui arejado e bem localizado
com traços de arquitetura clássica neo-colonial
onde os senhores, seu gado, suas larvas e seus convidados
enfim, a ‘ruminantada’ toda
reúne-se para tomar ponche e assentir
cada qual a seu momento
que a propriedade, a obra de fulano,
cicrano e beltrano
está mesmo uma beleza;
e que a plantação de pinhão-roxo

de algum cúmplice
é quase — coisinha de nada — diferente
daquelas que plantaram
os reais poetas do país
pessoas que eles tanto leram
que tanto admiram
e que tanto sonharam ser
ou ao menos — chegar perto —
e conseguir escrever
um verso, um que seja
que sirva ao menos para fazer um chá.

CONSTITUIÇÃO

Eu era uma anarquia.
Hoje sou uma república
que caminha
— lenta e gradualmente —
para o parlamentarismo.
Haverá ainda períodos de ditadura.
Mas ao final
alcançarei a utopia
onde todos os meus eus
ou eus de mim, cidadãos enfim
serão senhores de si
e terão direito
de permanecer ou de partir

EXISTIR

Esses garotos que passam de bicicleta pela praça
O que será que pensam?
Pensam?

Enquanto o tempo passa
enquanto giram os meninos
rodas
pedais...
E depois?
Quando deixarem as bicicletas
E ficarem a pés
E perderem seus pais
E se já forem pais?
Pesam?

Para onde vão os meninos
que um dia vi
depois que descerem à terra
sem vida?
Existiram?
Existi?
Existe você?
Que me lê?
Por quê?

AOS QUE ME PROCURAM

Aviso aos poemas que me procuram para viver:

NÃO ACEITAMOS MAIS:

- Poemas engraçadinhos
- Trocadilhos disfarçados de poemas
- Sopas de letras e palavras travestidas de poemas
- Frases de efeito (procurem caminhoneiros)
- Cubos de palavras maquiados com alguma poesia
- Mensagens publicitárias embaladas em poesia barata
- Clones de poemas dos outros que se assemelham a qualquer uma das categorias anteriores
- Confissões
- Fraquejos
- Teoremas
- Parnasianismos
- Dores de cotovelo
- Falta de dinheiro
- Inspirações momentâneas e sem lógica
- Coisas que não sejam isso em dias de preguiça e mau humor

Nota aos poemas que ainda não me procuraram para que eu viva

- Há folhas (de tipos variados: faturas de cartão, A4, blocos encadernados, papel de pão)
- Há tinta

— Há disposição (o polegar está machucado, mas a mão ainda pode ser bem usada)

O POEMA RUIM

É preciso também escrever o mau poema

O poema-pardal
comum, cheio de piolhos
uma verdadeira praga
que se emporcalha na areia
onde a cachorra cagou
a madrugada inteira
e que em toda árvore é visto aos bandos
fazendo das plantas cortiços
e afugentando outras espécies.

É preciso escrever também o mau poema

O poema-formiga
que empesteia a cozinha e devora os livros por dentro
pelo açúcar da cola da encadernação

O poema-urubu
bicho laborioso que aguarda a produção de carniça para poder
se alimentar.

O poema-barata
Bicho que tanto gera asco.

O poema vira-lata

covarde e doente de calazar

É preciso também escrever o mau poema

O mundo é não só de beija-fores,
husks siberianos e harpias

O poeta é um portal
não uma aduana

MANCHAS

A letra mancha a página
como a cinza que aterrissa na cama.
Ambas originárias das chamas
Da queima da alma
Da queima das canas

11 DE SETEMBRO

Morreu muita gente
Morreu gente de todo lugar
Inclusive de lá
Do canto dos matadores

No mundo de hoje
o matar é um território livre
o matar é um mundo todo
o matar é grande demais

VEGETARIANO

A carne no congelador
caso de uma vaca ainda viva
seria a parte, a falta
onde no bicho
estaria a ferida

VAIDADE

Antes das dores de coluna,
Caronte também teve
seus dias de Narciso

PARTIR

Após morrer
eu vou para os lados
eu vou para cima
eu vou para baixo

Após morrer
eu vou
e foda-se
a história, a pátria,
a casa, a família
as palavras e as idéias
eu vou

Eu vou
e aonde vou
não é de chegar
nem de parar

Eu vou
e se você souber
ou se eu quiser
talvez nos encontremos
sem há
nem lá
para aonde vou
uma idéia ainda sem nome

não um lugar
mas um sentimento
um fato
a se movimentar
sem tempo

ESSÊNCIA

O poema já estava
independe da mancha
da letra
da palavra
da mácula
na folha

O poema já estava e todos os outros antes de mim
quando a página ainda era branca e deserta
quando a cama ainda estava feita

O poema já estava
e existia muito mais
quando ainda não era visível
quando era uma idéia apenas

Quando era dúvida, o poema existia muito mais
e a dúvida — um deus — é infinita
como a profundidade do branco
basta imaginar

Agora que está aqui
nítido, concreto escrito
inevitavelmente lido
o poema já é outro
de algo do poema que estava antes

o poema no papel é o que existe a menos
daquele que orbitava a folha
{a folha de papel é um sol
orbitado por um universo
para o qual emana vida, luz

O poema no papel é o que existe a menos
de um nada invisível
de uma mágica árvore
que também dá frutos

Agora é preciso caçar tudo o que resta
arrancar pedaços
extrair as unhas
arrancar os dedos
amputar os braços
capturar o corpo
prendê-lo
pará-lo
escrevê-lo

Há ainda um outro poema maior
do qual este
que está aqui agora
não se sabe o que representa
há um outro poema maior
é preciso caçá-lo
um outro que é diferente

e não virá à procura de abrigo
nem se revelará em imagens bobas da cidade
ou me falará pela boca de um bêbado
também não surgirá pelo simples manejo da palavra.

Pode ser que este poema maior
sequer seja coisa de palavras
mas algo vivo que também possui sua história
talvez o poema maior seja um poeta perdido
que todas as noites
lança sobre sua folha branca
uma fagulha escura e ferra
tudo o que o dia lhe ofertou
além do dia

Talvez o poema maior
seja a mente de um Homero
uma idéia apenas
Acerca de meus pequenos poemas
o vale
o verde da cana
a viagem diária
tentando criar
um universo
que precisa ter
tristes crianças que nunca crescerão

Como Jailson

menino abandonado na calçada
cuja tristeza — eu sabia — era fome

Como Paulo — o Paulinho —
que nunca teve mãe
e passava cebola nos peitos
na esperança de vê-los crescer

Como ‘Gogóia’
que morreu na garupa de uma moto,
alcançada por uma bala

Ou Ilany, grávida com 13 anos
rejeitada — fugida para a capital

Talvez o poema maior
também precise de Dona Maria
que perdeu os movimentos
que perdeu a voz
que perdeu o marido (‘Luí’)
que perdeu os filhos
que perdeu um dos seios
e todas as manhãs
com o auxílio de uma muleta
emoldura-se à frente da casa de taipa
à pintura rosa da parede

O tempo, a minutos

completa a tela
quando derruba a alça esquerda
do vestido gasto:
fica Maria, a torta
amparada pela muleta
estátua
com a lembrança do câncer à mostra
trágica
aterradora
pintura de olhos móveis
que percorrem
que perseguem
tudo vivo que passa na rua.

Talvez o poema
seja o rio cego
que fugiu de mim um dia
rio que por não mais ver
tem medo do caminho para o mar
e recolhe seus braços
todo seu corpo
e não desce mais
e volta para a foz
e encolhe-se para morrer
e seu recolhimento
leva também o mundo inteiro para trás
do futuro para o passado
do ventre da terra para o túmulo das mães

das cores para o sol
do solo para as nuvens
para o nada, das páginas

Talvez seja um mundo real
além do espelho da página
independente de mim
e do que existe nesta própria folha
que eu penso estar preenchendo
mas que está sendo escrito por outro,
um verdadeiro outro
do qual sou reflexo, apenas
eu e meus poemas
é preciso andar
há pouco que é certo nessa jornada
apenas o início:
todo poema está às nossas costas
maior ou qualquer
como uma arma branca
a dedos de nossa nuca
que não vai ferir
quem ser ferido não quiser

O poema sempre às nossas costas
como o passado e o resto do mundo
orbitando-nos, armado
O poema às nossas costas
tem de estar

Uma mensagem que retiramos
da retina da rotina
criatura dos cabelos de serpente
cujo olhar nos petrifica

A página é o meu escudo
proteção e libertação
onde se precipitará
invertida — e desta forma libertada —
a imagem de tudo o que pode me matar.

